
O místico no *Tractatus* de Wittgenstein

Paulo Alexandre e CASTRO¹

Resumo

Pretende-se com este ensaio criar um lugar de esclarecimento para apresentar um outro Wittgenstein, isto é, para apresentar no quadro da filosofia da linguagem presente na obra maior, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, a possibilidade de uma outra linguagem. Não se pretende expor o Wittgenstein dito lógico,² o prelector agressivo de deduções espontâneas mas sim, mas um Wittgenstein pensador do mundo e da linguagem. Ora, no mundo humano o místico ocupa um lugar no conjunto de crenças, o que implica por sua vez uma linguagem para o dizer ou para o permitir mostrar. Assim, Wittgenstein encontra no místico o lugar de eleição de uma linguagem que o situa fora do contexto pragmático do *Tractatus* (e mesmo dos jogos da linguagem). O objectivo deste ensaio é percorrendo o *Tractatus* descobrir o alcance e sentido deste místico.

Palavras-Chave: Wittgenstein, Místico, Linguagem, Mundo, Deus.

Abstract

The aim of this paper to create a place of clarification to present another Wittgenstein, that is, to establish in the framework of the philosophy of this language in his greatest work, the *Tractatus Logico-Philosophicus*, the possibility of another language that goes far beyond the mere enunciation of propositions. We do not intend to expose the Wittgenstein said to be logical, the aggressive lecturer of spontaneous deductions but the Wittgenstein as a language and world thinker. Well, in the human world the mystical occupies a place on the set of beliefs, which in turn implies a language to say or to allow a display. Thus, Wittgenstein finds in the mystical a place of election of a language that is outside the pragmatic context of the *Tractatus* (and even of language games). The main goal is by reading the *Tractatus* discover the extent and meaning of this mystic.

Key Words: Wittgenstein, Mystical, Language, World, God.

¹ Universidade do Minho. E-mail: paecastro@gmail.com.

² Como é evidente não ignoramos e não recusamos a impregnação lógica de que o *Tractatus* se vê revestido; a abordagem a realizar exige um esforço de distanciamento face às questões da lógica formal (aliás não nos podemos esquecer de que Russell e Frege englobados no mesmo atomismo lógico tentaram projectar uma linguagem logicamente perfeita) e procura centrar-se na análise da linguagem enquanto fenómeno específico do dizer do mundo.

A lógica da linguagem – Os limites da linguagem e o papel da filosofia

Antes de se iniciar a análise deve começar-se por afirmar que não se pretende fazer uma mera apropriação das palavras escritas do autor, mas procurar na profundidade do seu pensamento, aquilo que está menos explícito como é o caso do (termo) místico. O gesto hermenêutico procurou para lá da solidificação, para lá da estruturação formal que os limites da linguagem impõem, a revelação *quicá* das intenções mais rênconditas que o filósofo procurou com a diminuta utilização do termo no seu *Tractatus*. Uma tal utilização torna-se deste logo problemática, e, diga-se, enigmática considerando os propósitos enunciados pelo filósofo, mas veja-se em pormenor a lógica subjacente à construção dessa obra.

Uma das questões centrais no *Tractatus* de Wittgenstein é: o que é que se pode exprimir? Uma questão que recoloca a problemática dos limites da linguagem. O *Tractatus* é neste sentido uma proposta de análise à linguagem e um comentário aos modos de expressão da ciência e da filosofia. Note-se, no entanto, que o próprio Wittgenstein parece admitir a existência de uma outra ordem de linguagem que seria entendível (se é que se pode utilizar o termo) na linha do inexprimível, o que de *per se* reveste e envolve-se naquilo que é o místico ou o misticismo (o que à partida para um filósofo do círculo de Viena parece ser de difícil aceitação). Um tal inexprimível, que numa tradução imediata suscita uma impossibilidade, uma limitação, não deixa contudo de se enraizar no coração da linguagem. Como? Através do seu carácter de revelação: é que o inexprimível é o que não pode ser dito mas pode ser mostrado, revelado, e portanto, insere-se na ordem do místico. De resto, entenda-se que este místico pode facilmente ocultar-se sub-repticiamente no pensamento analítico e pode mesmo assumir uma forma de intento maior nos objectivos do filósofo.³ Mas como se pode chegar a uma tal asserção? Veja-se as principais formulações do filósofo acerca desta temática.

Wittgenstein refere no prólogo que o seu livro trata dos problemas da filosofia, mas que esses problemas derivam ou repousam “numa má compreensão da lógica da nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, p. 27).⁴ Para Wittgenstein não é de modo al-

3 Confessa Wittgenstein que pretende «concilier en un théorie cohérente la physique d’Hertz et de Boltzmann et l’étique de Kierkegaard ou de Tolstoï» (JANICK e TOULMIN, 1978, p. 141).

4 Uma vez que o presente ensaio se debruça particularmente sobre esta obra, limitar-nos-emos a citar o número do aforismo (sem mencionar número de página que para o caso se torna irrelevante).

gum possível representar alguma coisa que contradiga a lógica na linguagem, como por exemplo “indicar as coordenadas de um ponto que não existe”⁵, ou seja, não se poderia dizer nada acerca de um mundo ilógico. Ora, o que se pretende é uma demonstração óbvia da possibilidade de uma linguagem lógica, em que as regras da lógica sintática sejam já por si óbvias, e que como se sabe, são-no para Wittgenstein.⁶ Fala-se naturalmente de linguagem, contudo, cabe perguntar, o que é a linguagem? Convém desde já referir, que para Wittgenstein existe uma conexão enorme entre pensamento, proposição e linguagem. Esclarecendo os termos de acordo com o seu pensamento no *Tractatus*, tem-se que uma proposição é:

(4.01)----«*modelo da realidade tal como nós o pensamos*»

De acordo com essa interpretação, o pensamento vem a ser:

(3)---«*A imagem lógica dos factos é o pensamento*»

(4)---«*a proposição com sentido*»

A linguagem é assim, *grosso modo*, a totalidade das proposições. É-o porque o homem fala através de proposições, quer dizer, expõe o seu pensamento através de proposições com sentido. Ora, porque o homem fala das coisas do mundo, daquilo que se entende como a realidade (e portanto, diga-se, também das coisas que não estão no mundo consideradas do ponto de vista da imediatez da consciência perceptiva) ele utiliza assim as proposições para esse efeito:

(4.1)---*A proposição representa a existência e a não-existência de estados de coisas.*

[e]

(2.04)---*A totalidade dos estados de coisas que existem é o mundo.*

5 Aforismo número (3.032).

6 No aforismo (3.334) «*As regras da lógica sintática são de si óbvias, desde que se saiba como cada um dos sinais designa*». É claro que este aforismo vem no seguimento de outros, dos quais destacamos o (3.325) que permite uma melhor elucidação: «*Para evitar estes erros [da filosofia] temos que utilizar uma linguagem simbólica que os exclua, por não utilizar o mesmo sinal em símbolos diferentes, nem por usar de maneira aparentemente idêntica sinais, que designam de maneira diferente. Logo, uma linguagem simbólica, que obedece à gramática lógica - à sintaxe lógica. (A notação conceptual de Frege e Russel é uma tal linguagem, que contudo não exclui todos os erros)*».

Falar de estados de coisas é falar do mundo, considerado como lugar de ocorrência desses mesmos estados. Ora, o homem tendo esta capacidade única de entre todos os seres, de expressar pensamentos, proposições com sentido, de falar, de filosofar, será ele capaz de expressar aquilo que sente?!⁷ Ou pode o homem não dizer aquilo que pensa?! Pode a filosofia ser a expressão de todas estas interrogações?! Wittgenstein responde:

(4.112)---O objectivo da Filosofia é a clarificação lógica dos pensamentos.

A filosofia não é uma doutrina, mas uma actividade.

Um trabalho filosófico consiste essencialmente em elucidações.

O resultado da Filosofia não é "proposições filosóficas", mas o esclarecimento de proposições.

A Filosofia deve tornar claros e delimitar rigorosamente os pensamentos, que de outro modo são como que turvos e vagos.

A posição de Wittgenstein é bem clara; a filosofia é admitida como crítica da linguagem,⁸ mas dada a sua ambição, condena-se a si própria. Ou seja, a filosofia no seu esforço para mostrar as armadilhas da linguagem, acaba por cair nelas. E seria possível a construção de uma linguagem baseada em proposições metafísicas?⁹ Uma vez que a filosofia estaria "condenada" ao esclarecimento dos pensamentos, e não poder pertencer aquele grupo de ciências objectivas:

(4.111)---A filosofia não é uma das ciências da natureza. (A palavra filosofia tem que denotar alguma coisa, que está acima ou abaixo das ciências da natureza, mas não ao lado delas.

7 Pode o seguinte aforismo responder a essa pergunta - (5.6) «Os limites da minha linguagem significa os limites do meu mundo»?

8 E isto é referido pelo próprio autor no aforismo (4.0031) «Toda a filosofia é "crítica da linguagem"». (Contudo não no sentido de Mauthner). O mérito de Russell é ter mostrado, que a forma lógica aparente da proposição não tem que ser a sua forma real.»

9 Se é que se pode falar deste tipo de proposições ou mesmo de as construir.

Abandonada a filosofia, por digamos “incapacidade” de resposta aos problemas, restava um ponto de análise que para Wittgenstein ia ao encontro seu desejo de objectividade (e afastamento do psicologismo) que era a lógica. A lógica exprime uma transmissão de verdade, do mundo pictorial, das proposições como nos é dito em (5.131).¹⁰ E no mundo e na linguagem há uma relação interna e uma construção lógica, pois a lógica antecede aquilo que é.

(4.014)---O disco fonográfico, o pensamento musical, a notação musical, as ondas sonoras, todos eles estão uns para os outros naquela relação interna de representação pictorial que é a que existe entre a linguagem e o mundo. A construção lógica é comum a todos eles.

Assim, o ideal segundo Wittgenstein, seria tentar compreender uma proposição,¹¹ isto é, «saber qual é o caso, se ela é verdadeira»,¹² desconstruindo-a e analisando-a. A proposição mostra a forma, isto é, mostra segundo o filósofo a forma lógica da realidade,¹³ patenteia a sua constituição e validade (de uma verdade, tal como em -5.131 -4.121). Assim, segundo Wittgenstein seria possível comunicar-se (e) comunicando (o mundo), e realizar um entendimento entre as linguagens existentes. E como se faria esse entendimento? Através da tradução

(4.025)---A tradução de uma linguagem para outra não se faz, traduzindo cada proposição de uma para uma proposição da outra, mas traduzindo apenas as partes constituintes da proposição.¹⁴

10 «Se a verdade de uma proposição se segue da verdade de outras, então isto exprime-se através das relações que têm entre si as formas das proposições; e de facto não é estritamente necessário relacioná-las de modo a ligá-las umas às outras numa proposição, pois estas relações são internas e existem desde que tais proposições existam e pelo facto de existirem».

11 A proposição fala do mundo, dos estados de coisas no mundo, e é por isso que se deve tentar compreendê-la. Elucidativa é a passagem (4.023) - «A realidade tem que ser fixada pela proposição em sim ou em não. Para isso ela tem que ser completamente descrita pela proposição. A proposição é a descrição de um estado de coisas. Tal como a descrição de um objecto é feita segundo as suas propriedades externas, assim a proposição descreve a realidade segundo as suas propriedades internas. A proposição constrói um mundo com a ajuda de um andaime lógico, e por isso se pode também ver na proposição, como tudo se relaciona logicamente, se ela é verdadeira. É possível tirar inferências de uma proposição falsa.»

12 Como nos é dito em (4.024) - «Compreender uma proposição, quer dizer, saber qual é o caso, se ela é verdadeira. (pode-se então compreendê-la sem saber se ela é verdadeira.) Compreendemo-la se compreendermos as suas partes constituintes.»

13 (4.021)- «A proposição é uma imagem da realidade: se eu compreendo a proposição, então conheço a situação por ela representada. E compreendo a proposição sem que o seu sentido me tenha sido explicado.»

14 É notória nesta passagem a ‘influência’ do atomismo lógico, que reivindicava a decomposição em ‘átomos’ para uma linguagem logicamente perfeita. Também é possível perceber-se onde poderá Quine ter vindo buscar a sua noção de “Tradução Radical”.

Traduzindo as partes constituintes, e dado que existe uma relação interna,¹⁵ pode-se chegar à representação das situações por meio de proposições que as representam. Percebe-se claramente que a lógica para o autor é tão mais importante como o facto de seres se puderem expressar numa linguagem. A existência da lógica pressupõe a existência de uma ordem simples na realidade,¹⁶ e por isso o filósofo diz que “não se pode pensar illogicamente” uma vez que a própria linguagem impede (à partida) qualquer erro lógico.¹⁷ Para a lógica os limites do mundo são também os seus limites, ou seja, “aquilo que não podemos pensar, não podemos pensar; também não podemos dizer aquilo que não podemos pensar”.¹⁸ Isto é na realidade a expressão máxima do que se pretende na relação entre a lógica e a linguagem.¹⁹ Surge aqui um problema: até que ponto o solipsismo é verdadeiro? O solipsismo poderia ser correcto se se pudesse dizer.²⁰ Os limites da linguagem são os limites do mundo de cada indivíduo:

(5.6)---*Os limites da minha linguagem significa os limites do meu mundo.*

Chegamos à análise final onde Wittgenstein reconhece os limites da linguagem (e do próprio indivíduo.) As proposições da lógica afinal, parecem ser todas um universo de tautologias (que mostram as propriedades formais da linguagem e do mundo),²¹ e que «fora da lógica tudo é acaso». ²² Se o homem se reduzisse a dizer tautologias, então ele perderia ou não teria as qualidades do ser homem. Wittgenstein estava

15 Como é referido em (4.125) - «A existência de uma relação interna entre situações possíveis expressa-se na linguagem através de uma relação interna entre as proposições que as representam».

16 Refere David Pears a este respeito: «[...] embora as proposições da lógica sejam tautologias e não teorias substanciais, o facto de a lógica existir dá alguma indicação acerca da natureza da realidade: pressupõe a verdade necessária de que a realidade consiste, em última análise, de objectos simples, ou, deixando o qualificativo subentendido, de objectos» (PEARS, 1988, p. 85).

17 (5.4731)- «A evidência, da qual Russell tanto falou, apenas pode ser eliminável em Lógica pelo facto de a própria linguagem impedir qualquer erro lógico. A Lógica ser a priori consiste no facto de não se poder pensar illogicamente». Por exemplo, mais adiante isto é reforçado em (5.4732)- «Não podemos dar a um sinal o sentido errado».

18 (5.61)- «A Lógica enche o mundo; os limites do mundo são também os seus limites. Assim não se pode dizer em lógica: “no mundo há isto e isto, mas não aquilo”. Aparentemente isso pressuporia a exclusão de certas possibilidades, o que não pode ser o caso, uma vez que a lógica iria para lá dos limites do mundo, como se também deste lado lhe fosse possível considerar aqueles limites. Aquilo que não podemos pensar, não podemos pensar; também não podemos dizer aquilo que não podemos pensar».

19 Retomaremos este tipo de análise num parágrafo mais à frente.

20 Wittgenstein responde assim no aforismo (5.62) ao aforismo (5.61): «Esta observação é a chave para a decisão do problema de saber até que ponto é que o solipsismo é verdadeiro. O que o solipsismo quer dizer é correcto mas não se pode dizer: revela-se a si próprio. Que o mundo é o meu mundo revela-se no facto de os limites da linguagem (da que eu apenas compreendo) significarem os limites do meu mundo».

21 Como é referido em (6.12). As proposições que Wittgenstein defendera tão entusiasticamente no início do *Tratado* reconhecem-se como tautologias que nada mais dizem do que as propriedades formais da linguagem, em si mesmas assim consideradas.

22 Referido em (6.3).



consciente deste problema. O filósofo sabe que o homem fala diversas linguagens, e não utiliza, certamente, em muitas delas qualquer tipo de conceptualização lógica (quer dizer não se rege pelo formalismo que preside à construção de uma proposição). Há coisas que podem ser exibidas, há coisas que se revelam, que se mostram mas que não podem ser ditas. Entramos no domínio de uma outra linguagem com modalidades expressivas diferentes dadas pelo vivenciar, pelo sentir, pelo ver para além das palavras, que Wittgenstein virá a aprofundar nas *Investigações Filosóficas* (e é talvez por isso que Mario Perniola refira que Wittgenstein, a par com Freud e Heidegger, é um grande pensador do sentir diferente, Cf. PERNIOLA, 1998, p.172).

Dizendo de outra forma, há uma limitação no coração da própria linguagem, pois

(4.1212)---O que pode ser mostrado não pode ser dito

(6.522)---Existe no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico.

O inexprimível (a que já se havia aludido no início deste ensaio), acaba por ser se evidenciar com características muito próprias. Embora numa primeira leitura isto possa soar como um antagonismo linguístico, o que é facto, é que este inexprimível, que é o que se revela, é a outra forma de 'dizer' o mundo e a vida. Não se trata como pretendia Hintikka de fazer a distinção entre o apontar, o indicar de algo e o dizer de algo,²³ mas o mostrar-se a partir dos enunciados, como comentou a este respeito Antonia Soulez.²⁴

A relevância deste mostrar acentua-se na/pela reflexão do homem sobre o mundo. A tarefa de Wittgenstein foi a de reflectir precisamente nessas mesmas questões a que dificilmente se vislumbra uma resposta. O *Tratado* não encerra em si meras

23 Cf. HINTIKKA, e, JOAKKO, *Investigating Wittgenstein*, Oxford, Pub. Basil Blackwell, 1986.

24 Soulez critica precisamente a leitura de Hintikka relativamente a este aspecto particular da linguagem (do mostrar-se), e refere-se assim a ele: 2reconhecia-se, diz ele, nos 'objectos' do *Tractatus* nem mais nem menos do que os 'objets d'acquaintance' de B. Russell. O mesmo é dizer que a famosa oposição do *Tractatus* entre o que se diz e o que se mostra se sobrepõe perfeitamente à oposição entre os factos descritíveis do mundo e os objectos indicados por gestos. [...] Ao confundir o que se mostra com o que é indicável pelo acto de apontar para algo, está a transformar os simples que são os objectos em *mínima visibilia* extra-linguagem. Esta saída para fora da linguagem proveniente do dedo humano inverte a relação semântica do 'mostrar-se nos enunciados'. Ora, Wittgenstein tem sempre a preocupação de expressar no *Tractatus* a mostração oposta ao dizer na forma pronominal". (SOULEZ, 1988, 16).

questões de ordem lógica, é também uma abordagem ao mundo e ao modo do homem falar do mundo e da vida. A verdadeira dimensão do *Tractatus* é a dimensão da linguagem humana (*lacto sensu*) pois que o centro da discussão dos limites da linguagem só por aí pode ser encetado, e portanto, só a partir daí se pode revelar.

Para uma outra abordagem ao *Tratado* de Wittgenstein - A linguagem Mística: Deus, factos e mundo.

O problema da (limitação da) linguagem surge quando ela não responde, ou melhor, quando ela não tem capacidade de resposta ao mundo que a envolve. O querer expressar algo e não conseguir é uma destas marcas. Segundo Marina Themudo, Wittgenstein teria sofrido uma grande influência de Tolstoi, no que concerne a uma certa dimensão ético-mística da “religião prática” de Tolstoï que se encontra nos *Tagebücher 1914-1916*:

No *Resumo do Evangelho* de Tolstoï, Wittgenstein encontrava, para essa experiência pessoal, uma confirmação e um reforço, que nada tinham a ver com a especulação teórica; mas onde, sob a forma de uma prédica e de uma doutrina, se exprimia um *logos* profundamente apelativo, dirigido, sobretudo, à realidade humana, ao mais íntimo da vocação do seu desejo. (THEMUDO, 1988, p. 49).

A questão é tão simples quanto isto: quantas vezes não se fica “sem palavras” em face de determinadas circunstâncias?! Wittgenstein procura responder a perguntas como: O que é o místico? O que há de místico no facto do mundo existir? Tudo o que não se pode exprimir é místico? E há uma atitude mística, é ela possível? Eis algumas das questões que (supostamente) Wittgenstein reflectiu.²⁵

(6.44)---O que é místico é que o mundo exista, não como o mundo é.

(6.45)---A contemplação do mundo sub specie aeterni é a sua contemplação como um todo limitado. Místico é sentir o mundo como um todo limitado.

25 Escrevemos supostamente, porque para alguns autores é impensável verem um Wittgenstein ligado a questões desta natureza. Um exemplo é Frédéric Nef que num colóquio de 1988 subordinado ao tema “Philosophie et Mystique”, na sua comunicação intitulada “Lógica e mística: a propósito do atomismo lógico de Russel e Wittgenstein” refere: «um contributo efectivo ao nosso tema deveria responder pelo menos às duas questões: a) lera Wittgenstein *Mysticism and Logic* de Russel antes de redigir as partes 6 e 7 do *Tractatus*? b) passou Wittgenstein por uma experiência mística? Sobre estas duas questões não iremos trazer nada de novo».

(6.522)---*Existe no entanto o inexprimível. É o que se revela, é o místico.*

Como se pode constatar pela leitura do *Tratado Lógico-filosófico*, o termo místico aparece apenas três vezes o que contrasta bem com o envolvimento que a própria obra tem. Se se analisar detalhadamente, verificamos que a partir destes três aforismos seria praticamente possível construir o *Tratado* nas suas mais variadas, mas indispensáveis, asserções acerca do mundo, da existência e da linguagem. Pode-se levantar uma primeira questão: o que há de místico no facto do mundo existir? Cyril Barret diz-nos na sua interpretação de Wittgenstein, que “o mundo é”,²⁶ (ou seja, a afirmação da existência do mundo); nesse aforismo Wittgenstein declara a existência do mundo, e isto embora possa parecer óbvio e irrelevante, não o é de todo, dado que este ‘místico’, este crer em algo, crer que o mundo existe, é ter uma certeza – a de que o mundo é. O místico entendido como algo que se reveste de mistério, como uma razão oculta ou como uma explicação não explicável, de facto, desmistifica neste aforismo o mais incrível, o mais céptico, na medida em que ao fazer um jogo de palavras – místico/é – afirma a sua existência, relevando para segundo plano, o modo de ser do mundo.

(6.432)---*Como o mundo é, é para O que está acima, completamente indiferente. Deus não se revela no mundo.*

Que significado pode ter ver-se o mundo *sub specie aeterni*?! Em princípio dir-se-ia nenhum, porque não se faz senão coisas contingentes, técnicas; afirmam-se proposições que não têm nenhum significado (especial) senão lógico; por isso, ver o mundo *sub specie aeternitatis* outra coisa não seria, senão observá-lo como um organismo linguístico convencional e será mesmo inútil a palavra ‘*aeterni*’. Esta visão do mundo, expressa em linguagem e cientificamente afirmada é a visão desse mesmo mundo como um todo não infinito mas limitado. Não interessa verdadeiramente o modo como o mundo é, e é completamente indiferente para um ser superior como refere o nosso autor; o facto do mundo ser como é pode ser explicado pela Física, pela Biologia, etc., mas não porque o mundo é; a esta questão a ciência não responde e por isso para Wittgenstein tal não deve ser perguntado. Se se atentar nos aforismos (6.5), (6.52), (6.4312), (6.4321) percebe-se que a melhor solução para os pseudo-problemas é a sua dissolução.

²⁶ Barret comenta a propósito do aforismo 6.44. (BARRET, 1991, p.72).

Deste modo, dizer uma proposição é dizer um facto, não uma verdade metafísica;²⁷ dizer como é o mundo se é eterno ou não, se se vive eternamente ou não, etc., não tem significado especial, somente se se assumir uma atitude crítica é que se sente este todo limitado como um sentir místico.

Haverá aqui, então, uma contradição? Sentir o mundo como um todo limitado e que tecnicamente pretendesse ser o fechar em si e definir o infinito, é no fundo um sentir místico. Se o místico não é uma resposta para uma pergunta (científica?) então não se pode expressar em linguagem. “O místico é o inexpressável: não pode ser dito, mas pode ser exibido. Na realidade, há coisas que não podem ser postas em palavras” (BARRET, 1991, p.72). Elas são o que é místico (6.522). Ou como refere David Pears: “ora, a doutrina do exhibir é o ângulo semântico do chamado misticismo de Wittgenstein: há coisas que não podem ser ditas, mas apenas exibidas». (PEARS, 1988, p.89).

Pode, contudo, entender-se este “mostrar-se” transcendente do místico como um apontar para o pano de fundo metafísico do *Tratado*, e que encontraria o seu ponto de partida na visão estética (a “visão do mundo *sub specie aeterni*”) conducente ao sentido ético da obra, que deveria manifestar-se naquilo que cala, naquilo que o silêncio permite. Contudo, o místico comporta também uma atitude, como é dito no ensaio de McGuinness referindo-se a Wittgenstein: “por misticismo, Wittgenstein não diz que seja apenas a atitude mental do homem perguntar, mas a atitude mental em que ele encontra uma certa resposta” (MCGUINNESS, 1966, 315). Existe realmente em todos aqueles que se questionam um pouco desta atitude mística, este querer conhecer para além, pelo que se poderia perguntar se o misticismo não poderá ser encarado como uma outra forma de metafísica? Se se recordar William James ele apontava mesmo para um estado de espírito místico.²⁸ Dúvidas que se esbatem com as perguntas ‘impossíveis’:

(6.5)---*Se uma questão não pode ser posta em palavras, também o não pode a pergunta.*

27 Recorde-se que a lógica nada pode dizer sobre o místico. A lógica não permite a construção de uma metalinguagem universal, porque à partida para Wittgenstein não pode existir realmente metalinguagem, e assim, não pode ter por objecto aquilo sobre o qual há a *dizer*, mas que essencialmente se *mostra*.

28 JAMES, William, *Varieties of Religious Experience*, 1902; nesta obra James atribui quatro propriedades ao estado de espírito místico: Inefabilidade; Qualidade Noética; Carácter Transitório; Passividade. Seria também interessante ver a análise que Russel faz acerca desta temática.

O Enigma não existe.

Se se pode de todo fazer uma pergunta, então também se pode respondê-la.

O místico é aquilo de que não há pergunta nem resposta, não é discurso, é uma determinada atitude. Resulta (provavelmente) da impotência da nossa linguagem (umas vezes por não se conseguir perguntar, outras, por não se conseguir responder).

(6.51)---O cepticismo não é irrefutável, mas obviamente falho de sentido por pretender pôr em dúvida o que não pode ser perguntado. E isto porque só pode haver dúvida onde pode haver uma pergunta, e uma pergunta só onde pode haver uma resposta, e esta só onde algo pode ser dito.

Um dos conceitos que Wittgenstein introduz no seu *Tratado* e que mais tem perturbado os seus comentadores é a utilização ou referência ao conceito de Deus. Atente-se nos aforismos que mencionam Deus e em que a palavra Deus aparece no tratado apenas quatro vezes. Ao reparar-se nesses aforismos percebe-se que Deus, tal como o 'místico' que se tem vindo a analisar, também não se revela no mundo (aforismo -6.432); o que pode significar a manifestação do mundo como um todo limitado. Também Deus assume a categoria de inexpressável. Ele é o que está mais acima, e como se sabe da nossa impossibilidade de atingir esse "mais acima", Wittgenstein parece sugerir um caminho de abordagem que desembocaria numa atitude - a atitude mística.

(3.031)---dizia-se antigamente que Deus podia criar tudo, excepto o que contrariasse as leis da lógica. Não poderíamos nomeadamente dizer de um mundo 'ilógico', como seria o seu aspecto.

(5.123)---Se um deus cria um mundo em que certas proposições são verdadeiras, então ele cria simultaneamente um mundo no qual todas as proposições que dela se seguem são verdadeiras. E do mesmo

modo, ele não poderia criar um mundo em que a proposição “p” é verdadeira, sem ter criado todos os objectos.

(6.123)---hoje fica-se pelas leis da natureza como algo de intocável, como os antigos ficavam diante de Deus e do destino.

Ambos têm e não têm razão. A ideia de os antigos era mais clara uma vez que reconheciam um limite claro, enquanto que no novo sistema se tem que dar a aparência de estar tudo esclarecido.

Como já se viu em (6.44) e em (6.45) o sentimento místico é saber que o mundo é ou existe, e que Deus não se revela no mundo. Não se revela neste ou naquele facto mas revela-se pelo mundo, quer dizer, revela-se no sentido do mundo. Pears adverte por isso que “no *Tractatus* diz-se que Deus não se revela no mundo, significando isso que não se revela em qualquer particular facto ou conjunto de factos. Segundo Pears, nos *Apontamentos*, Wittgenstein viria a dizer que Deus é o mundo”. (PEARS, 1988, p. 91).

Assim, o questionamento sobre o mundo é um questionamento sobre (o sentido de) Deus. Questionar-se o mundo, a sua existência, recoloca o problema da existência de Deus. Ao afirmar a existência do mundo (6.432) parece afirmar-se a existência de Deus, porque o mundo “É para O que está acima”. Deus é o facto do mundo ser como é (contudo, isto não significa dizer que a lógica e a ontologia do *Tratado* sejam uma forma de teologia). Voltando a (3.031), este aforismo configura uma concepção relativamente a Deus ou a visão que Wittgenstein poderia ter relativamente a Deus. Diz pelo menos três coisas: das limitações que Deus teria na criação (uma vez que Deus não poderia criar nada que contrariasse as leis da lógica) da relação de Deus com as leis lógicas, e, as implicações lógicas desse acto.

Misticismo e Lógica. Linguagem ou como rezar a um deus desconhecido.

Coloca-se agora a questão: pode-se chamar místico a tudo aquilo que não ser pode expresso mas pode ser mostrado?! A Ética, a Religião, a Estética, e a Metafísica são todas elas do domínio do inexpressável mas têm o potencial de se mostrarem a

elas próprias.²⁹ Não é por acaso que Wittgenstein não aborda directamente temas como a religião, a arte, e outros campos do pensar onde a expressão não é uma simples consequência do trabalho mental (nunca poderá ser expresso com a lógica). Elas pertencem a algo de mais alto e todas elas envolvem a visão do mundo como um todo.³⁰

A metafísica é portanto, também inexprimível, logo mística. A metafísica que pretende referir-se a uma realidade que não pertence à experiência, não pode ser verificada ou refutada, sendo completamente destituída de sentido. As teorias metafísicas (a imortalidade da alma, vida para além da morte, etc.) são no fundo pseudo-problemas, e como tal não são portanto problemas. Apenas se podem pôr os problemas que podem ter resposta (6.51) tal como nos diz Wittgenstein em (6.5) –“O enigma não existe”. E a lógica (a que já se aludiu) que estatuto adquire no *Tratado* (para além da que já viu anteriormente)?

(5.61)---A lógica enche o mundo, os limites do mundo são também os seus limites. Assim não se pode dizer em lógica:” no mundo há isto e isto, mas não aquilo”. Aparentemente isso pressuporia a exclusão de certas possibilidades, o que não pode ser o caso, uma vez que a lógica iria para lá dos limites do mundo, como se deste lado lhes fosse possível considerar aqueles limites.

Aquilo que não podemos pensar, não podemos pensar; também não podemos dizer aquilo que não podemos pensar.

A lógica é assim transcendental, segundo nos diz Wittgenstein,

(6.13)---A lógica não é uma doutrina, é um espelho cuja imagem é o mundo. A lógica é transcendental.

A lógica é transcendental no sentido em que antecede aquilo que é. Até aqui tudo o que podia ser dito, podia ser em verdades da lógica (e estas revestiam um

²⁹ Wittgenstein chegou mesmo a dizer que o *Tractatus* tinha um carácter ético e que a parte mais importante era aquela que não tinha escrito (Cf. ENGELMANN, 1967).

³⁰ É neste sentido que esclarece David Pears: “significar que entre as coisas que não podem ser ditas, aquelas que ele nem chega a tentar pôr em palavras – religião, moralidade e estética – são mais importantes do que a que ele havia tentado colocar em palavras – a filosofia. [...] a demarcação do limite do discurso factual é o facto de ele prevenir a invasão e preservar aquelas três disciplinas do descrédito a que poderiam sujeitar-se em razão de um tratamento pseudocientífico”. (PEARS, 1988, p.90).

carácter tautológico), porém Wittgenstein opina que estas verdades não dizem nada acerca da realidade.³¹ Que propósito tem as verdades da lógica? A sua função é mostrar as propriedades (formais) lógicas do mundo e nada mais que isso. É dizer: sem lógica não há argumento, e sem este não há discurso.³² Assim, só é possível o discurso das ciências naturais. Isto significa deixar de fora a linguagem que utiliza como recurso a poli-significação dos termos da linguagem poética e metafórica. Ora, tal como a lógica também a ética é transcendental.

(6.42)---Por isso não pode haver proposições da ética. As proposições não podem exprimir nada do que é mais elevado.

(6.421)---É obvio que a Ética não se pode pôr em palavras. A Ética é transcendental. (A Ética e a Estética são um.)

As pseudo-proposições não dizem nada; elas devem no entanto ser úteis no sentido de que podem exhibir algo, isto é, na sua tentativa de tentar dizer algo que só pode ser mostrado. Existirá então uma linguagem mística? Mas se esta não pode fazer proposições de factos, qual o seu uso? Como se pode 'mostrar' aquilo que não se pode expressar através de proposições elementares? Para se compreender qualquer linguagem, ou mesmo a lógica, como propõe Wittgenstein, é preciso ter uma 'experiência'.

(5.552)---A "experiência" de que precisamos para compreender a lógica não é a de que algo se passa desta ou daquela maneira, mas a de que algo é: mas isto não é uma experiência.

A lógica está antes de qualquer experiência de que algo é assim. Está antes do como, não antes do que.

31 (4.461)-«A proposição mostra aquilo que diz, a tautologia e a contradição não dizem nada.» A tautologia é incondicionalmente verdadeira, ao passo que a contradição em nenhuma circunstância é verdadeira. Assim, Tautologia e Contradição são sem sentido.

32 Gérard Granel apresenta-nos no seu ensaio uma concepção dualista da relação entre a lógica, tomada como teoria ou doutrina, e o uso da palavra enquanto necessária ao discurso que diz o mundo: "a palavra (a utilização dos meios da linguagem) será essencial à lógica? É evidente que não, se na sua essência, como acontece no *Tractatus*, a lógica for uma doutrina ou uma teoria. Neste caso, pouca importância tem o que, na sua essência, e "místico" (isto é, o *facto* da linguagem, na sua existência, ser uma imagem do *facto* existência do mundo - reflectindo-se esses dois "factos" um no outro para lá do horizonte dos factos) não poder ser dito em qualquer *proposição*, salvo sob pena de se colocar num sem sentido, indiferente à diferença entre verdadeiro e falso. *Ou antes*: sim, há um falar lógico, uma palavra essencial à logicidade, mas precisamente porque a lógica, sendo como é um elemento constitutivo do pensamento como *acção* ("Am Anfage war die That"), não é doutrina ou teoria". (GRANEL, 1988, p. 79).

O místico, como Wittgenstein usa o termo, descreve um 'feeling' ou uma certa 'experiência', ou melhor, uma "quasi-experience". A 'experiência' proposta pela lógica é a experiência da afirmação de que algo é (sem as suposições existenciais ou ontológicas que apresentam as proposições metafísicas, por exemplo), e portanto, a lógica dá a ver as propriedades lógicas do mundo.³³ Porém, a experiência tomada em si mesma é incapaz de nos transmitir o que quer que seja sobre a imagem lógica do mundo; só é possível saber que há um qualquer limite nas possibilidades da linguagem para dizer o mundo.³⁴

(5.5561)---A realidade empírica é limitada pela totalidade dos objectos. Este limite revela-se de novo na totalidade das proposições elementares. As hierarquias são e têm que ser independentes da realidade

O que é então ter esta experiência? A experiência tem o mesmo objecto (se é que podemos pôr a afirmação nestes termos) que o "mystical feeling" desde que considerada a existência do mundo. Partindo do princípio que não há diferença entre "alguma coisa que é" (experiência proposta pela lógica) e "que há um mundo" que é o místico. Há uma equivalência entre o místico e a existência do mundo. Ora, o que representa o mundo é deus. Deus é o sentido do mundo (deus deve ser um facto que não está dentro nem fora do mundo, está para além); Deus é o inexpressável, o místico, e também um 'formal fact' (o 'formal fact' que o mundo é, uma vez que a "totalidade dos factos é Deus"). O sentido do mundo não está contido no mundo, está 'higher', "está mais acima"; ou seja, Deus é o sentido do mundo, o "facto" de o mundo ser o que é, a totalidade dos factos (como já se viu em 1.1).

*(5.471)---A forma proposicional geral é a essência da proposição.
(5.4711)---Dar a essência da proposição quer dizer dar a essência de toda a descrição, logo, a essência do mundo.*

³³ Refere Aldo Gargani a este propósito: "O tema do mostrar, da inefabilidade que circula em toda a teoria da lógica e das condições lógicas do simbolismo correcto é central no *Tractatus*, uma vez que ele é o instrumento teórico mediante o qual Wittgenstein constituía o estatuto formalmente certo dos enunciados da lógica, libertando esta última de suposições ontológicas e existenciais". (GARGANI, 1988, p. 34).

³⁴ Vejam-se por exemplo as palavras de António Zilhão: "as proposições da Lógica não se referem a quaisquer objectos lógicos que nos seriam dados através de uma experiência lógica particular, mas são tautologias que, pelo facto de o serem, rigorosamente nada afirmam a respeito de o que quer que seja". (ZILHÃO, 1993, p. 31).



Porque é que dar a forma geral da proposição é dar a essência do mundo? Como se sabe o mundo possui factos que podem ser representados por proposições. A forma geral da proposição é a condição geral de que tudo o que há no mundo deve ser um facto (ver, por exemplo --4.5-6.41).³⁵ Deste modo, a essência do mundo, isto é, a totalidade dos factos, é a forma geral da proposição, pelo que se pode dizer que a forma geral da proposição é idêntica ou melhor, é equivalente com o conceito de Deus. Assim, o limite do mundo, de um determinado ponto de vista pode chamar-se Deus, mas de outro ponto de vista, pode também ser o Eu pensante,

(5.63)---*Eu sou o meu mundo. (O microcosmos).*

(5.632)---*O sujeito não pertence ao mundo mas é um limite do mundo.*

A minha vontade é uma certa atitude face ao mundo. O mundo como que me é oferecido, a minha vontade entra nele completamente de fora. Temos a sensação de que dependemos de uma vontade alheia, de uma vontade transcendental.

(6.373)---*O mundo é independente da minha vontade.*

(6.374)---*Ainda que tudo o que desejamos acontecesse, isto seria apenas, por assim dizer graça dada pelo destino, uma vez que não existe uma conexão lógica entre a vontade e o mundo que a garantisse, e a suposta conexão física também não a poderíamos por sua vez desejar.*

Wittgenstein declara que seria uma graça do destino se a nossa vontade, os nossos desejos coincidissem com as coisas que acontecem; se isto acontecesse era algo que nós não poderíamos controlar (mas o inverso já seria possível, isto é, fazer coincidir os nossos desejos com essa vontade que nos é alheia).

A ideia de uma resignação transcendental, de uma aceitação das coisas que acontecem, permite traçar um caminho: se se aceitar o mundo, isto é, se se aceitar essa vontade alheia, então poder-se ser 'feliz'. Segundo David Pears, aceitar a bruta factuali-

³⁵ Diz-nos Gargani: "a lógica - enquanto domínio em que as respostas são coordenadas *a priori*, antes de qualquer experiência, com os problemas colocados (5.4551) - representa a imagem especulativa do mundo no sentido de que reflecte as propriedades formais com as quais estão simetricamente coordenadas os termos e as estruturas do simbolismo". (GARGANI, 1988, p. 36).

dade do mundo é então o caminho para se ser livre, independente e feliz.³⁶ O sentido da vida parece assim estar em Deus. Crer em Deus quer dizer que a vida tem um sentido. O que fazemos quando rezamos? Orar é considerar o sentido da vida (ou o sentido do mundo). Certamente o sentido da vida não estará na lógica; não se pode orar e fazer lógica no mesmo discurso. (6.41) – “O sentido do mundo tem que estar fora do mundo”, e o mais plausível e confortável é apontar para Deus.

O silêncio a que Wittgenstein fez referência acaba por revelar a essência dessa linguagem mística. Eis então essa linguagem mística: comunicar e sentir a comunicação do mundo numa linguagem que se presta ao desvelamento. A linguagem mística que se revela, que se mostra, que não pode ser dita, ou tão pouco posta em proposições elementares, é afinal a linguagem do mundo no mundo, sem uso de palavras.³⁷ Ora, o que parece curioso é que só é possível a colocação de uma abordagem mística ao *Tratado* devido precisamente à linguagem utilizada pelo nosso autor. A linguagem que Wittgenstein utiliza, a forma como diz, juntamente com a utilização do aforismo, permite-lhe criar a atmosfera perfeita para dizer o que não se pode dizer – precisamente o místico. O apelo a uma linguagem interior, mental que permite a leitura daquilo que se exhibe sem ser dito, permite-lhe a criação de uma obra mística.

36 David Pears defende posição na sua interpretação do *Tractatus*: «somos levados à conclusão de que se qualquer vontade é dotada de valor intrínseco, não é a vontade psicológica que o possui, mas a vontade transcendental, a qual, à semelhança do objecto metafísico, não é parte do mundo. Há, porém, uma vontade qualquer dotada de valor intrínseco? Wittgenstein sugere que sim e insinua que a boa vontade é a felicidade”. (PEARS, 1988, p. 93).

37 Como sabemos Wittgenstein modificará a sua concepção sobre a linguagem e falará nas *Investigações Filosóficas* de jogos de linguagem, e portanto da diferença entre exteriorizações e descrições. Refere o nosso autor: “o que significa, pois, saber *quem* tem dores? Significa, por exemplo, saber que pessoa tem dores neste quarto: portanto, se aquele que está sentado ali, se aquele que está de pé neste canto, ou o alto de cabelos louros acolá, etc. – Aonde quero chegar? Ao facto de que há diferentes critérios de ‘identidade’ das pessoas. Ora, qual o critério que me leva a dizer que ‘eu’ tenho dores? Absolutamente nenhum”. (WITTGENSTEIN, p. 126). Wittgenstein pretende dizer que na afirmação “eu tenho dores”, que é uma afirmação sem qualquer sentido (a menos que seja uma forma enfática de dizer que tenho realmente dores), eu exprimo as minhas sensações, e não uso quaisquer critérios. No caso de dizer “ele tem dores”, aí eu faço uso de critérios que permitem concluir que o sujeito X está com dores. Esta simples distinção permite distinguir a imagem do senso comum que afirma que cada um descreve as suas experiências, que a descrição dessa experiência não pode ser compreendida por mais ninguém e que cada um tem um acesso privilegiado ao seu interior e portanto, de que o outro não pode conhecer o que se passa no meu interior através da minha descrição.

Diga-se que muitas das formulações atuais sobre os *Qualia* em filosofia da mente ainda recorrem a esta argumentação de Wittgenstein.

A teoria da exibição mística – seja ao nível da arte, da ética ou da religião –, daquilo que se mostra num determinado estado de espírito, numa atitude, mas que não pode ser dito, é o reflexo desta atmosfera. É não só a forma como diz mas aquilo que diz, ou melhor, aquilo que deixa por dizer que cria esta atmosfera. É o silêncio que permite a introdução do transcendental, de Deus, e portanto, da linguagem mística que se aproxima da revelação. Wittgenstein parece assim ‘rezar’ a um deus desconhecido até porque daquilo que não se pode falar, guarda-se silêncio.

Referências

BARRET, Cyril, “The earlier Wittgenstein”, in *Wittgenstein on Ethics and Religious Belief*, Oxford, Blackwell, 1991.

ENGELMANN, Paul, *Letters from Ludwig Wittgenstein, with a Memoir*, trad. inglesa de L. Furtmüller, Oxford, Basil Blackwell, 1967.

GARGANI, Aldo G., *Wittgenstein*, tradução de Cármen Carvalho, Lisboa, Edições 70, 1988

GRANEL, Gérard, «Ludwig Wittgenstein ou a recusa da coroa», tradução para português de Natércia Mendonça, in *Revista Análise*, nº 10, 1988, (pp. 69-87), p. 79

HINTIKKA, Merrill B. e Joakko, *Investigating Wittgenstein*, Oxford, Pub. Basil Blackwell, 1986.

JANIK, A. Janik e TOULMIN, S., *Wittgenstein, Vienne et la modernité*, Paris, PUF, 1978.

MCGUINNESS, Brian, “The Mysticism of the Tractatus”, *Philosophy Review*, 75, (1966): p. 305-328.

MCGUINNESS, Brian, “The So-Called Realism of the Tractatus”, BLOCK, I. (ed.) *Perspectives on the Philosophy of Wittgenstein*. Cambridge: MIT Press, 1981, p. 60-73.

MULHAL, Stephen, “Wittgenstein on religious belief”, In *The Oxford Handbook of Wittgenstein*. Oxford: Oxford University Press, 2011, pp. 755-774.

PEARS, David, *As ideias de Wittgenstein*, trad. Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg, São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

PERNIOLA, Mário, *A Estética do Século XX*, trad. Teresa Antunes Cardoso, Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SLUGGA, Hans e STERN, David G., *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. New York: The Cambridge University Press, 1996.

SOULEZ, Antónia, «Verificar e compreender em Wittgenstein: uma fenomenologia à parte», trad. Natércia Mendonça, in *Revista Análise*, nº 10, 1988, pp. 5-31.

THEMUDO, Marina Ramos, *Ética e Sentido. Ensaio de reinterpretação do Tractatus Logico-Philosophicus de Ludwig Wittgenstein*. Coimbra: Publicações da Universidade de Coimbra, 1988.

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Tratado Lógico-Filosófico e Investigações Filosóficas*, trad. M. S. Lourenço, Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

ZILHÃO, António, *Linguagem da filosofia e filosofia da linguagem – estudos sobre Wittgenstein*, Lisboa, Edições Colibri, 1993.